



ÍTALO CALVINO

*Poema de Antonio Miranda
Para Elmira Simeão*

I

Um cavaleiro sem rosto
vaga por cenários e tempos
fracionários;
uma cidade invisível
emerge das brumas
do impossível:
libertos da arcana
maldição do indizível.

São exércitos errantes, bibliotecas
ilegíveis, são cidadelas
herméticas, espectrais,
são animais, são muralhas
indepassíveis, em idades
indefinidas, códigos
indecifráveis mas, ainda
assim, inteligíveis.

II

Calvino faz exercícios de memória
em lugares que já não são lugares
- são denominações registros ecos..
Desvenda sentidos, vislumbra,
presume, em estado de catálogo
- devaneios, provendo combinações
múltiplas absurdas fantasmiais –
fluindo como fantasias verbais.

Palavras tais como esgrouviado
na superfície do papel fluído
passível de toda inscrição.
Nomeando o mundo, inventando
palavras e mundos, escrevinhando
compulsivamente, desinteressado
dos comos e porquês: palavras
para inscrever todas as coisas.

Palavras no mundo, horizontais,
dando forma ao próprio mundo
para que assim o mundo exista.
E confessa: difícil é contar
na primeira pessoa, confessar-se
sem deturpar os significados,
sem falsear, tergiversar,
viver os próprios sonhos e ilusões.

III

Uma felicidade inquieta,
uma alegria externa
aos próprios sentimentos,
querendo sempre estar
em outro lugar e momento,
pelas vertigens do pensamento,
indiferente à natureza porque
confessadamente citadino.

Oh! Calvino, expectador viciado
dos cinemas da adolescência,
das marchas e bravatas fascistas,
revoltado, como Fellini, indagando
e maldizendo e blasfemando
contra as instituições totalitárias,
desconfiando de todas as certezas
abjudicando toda burocracia.

Filme da infância imaginária
visto a partir do meio,
seguido da metade do segundo,
completado pela fração do terceiro,
cenas de várias seqüências,
diferentes cenários incompletos
num quebra-cabeça ou colagem
ou caleidoscópio fantástico!

Filmes que evocam filmes,
personagens migrando de enredo
para enredo, cenas alternadas,
entrecortadas de memórias
de outros filmes já esquecidos
numa mitologia antropofágica
e voraz, numa galeria de personagens
desprovidos de sentidos.